



FEMINISMOAGORA!

*Notas sobre um
processo de reflexão
e fortalecimento*

FEMINISMOAGORA!

Texto Sophia Branco

Editora SOS Corpo, Recife, 2014

Diagramação e arte final

Cris Cavalcanti, Isabella Alves e Sophia Branco

Produção FeminismoAgora!

Apresentação Carmen Silva

Encadernação Artesanal Colaborativa

Endereço SOS Corpo Instituto Feminista
para Democracia, Rua Real da Torre, 593,
Madalena. cep: 50610-000. Recife-PE. Tel: 81
30872086

www.soscorpo.org.br

Sumário

Apresentação	7
FeminismoAgora!	10
Construindo a nossa metodologia	12
Corpo e Sexualidade	16
Participação política	24
Diversidade sexual e Lesbianidade	35
Direitos reprodutivos e Aborto	47
Racismo	52
Para onde vamos?	62



Apresentação

*O movimento de libertação das mulheres
– o feminismo – é um texto que se desenvolve,
não uma tese.
É uma linha melódica, não uma marcha militar.
É uma inspiração, a inspiração de um sopro.
O feminismo se respira mais do que se enuncia.
De tanto dar o último suspiro, ele renasce.*

Françoise Collin

Esta ideia de Collin pulsou em mim quando li pela primeira vez o texto de Sophia Branco sobre o processo de formação e organização de mulheres que vivemos juntas em 2013. Ela resgata um ano de vivências e debates entre mulheres de Recife, jovens na grande maioria e em parte recém-chegadas ao feminismo. A diagramação e arte de Cris Cavalcanti ajudou a tornar tudo isso cheio de beleza, como bonitos foram estes momentos que vivemos juntas.

O processo que este texto traz à tona faz parte de um plano mais amplo do SOS Corpo marcado pela intenção de fortalecer o movimento feminista na região metropolitana do Recife, a partir do acompanhamento sistemático a grupos de mulheres, resgatando e reconstruindo antigas referências metodológicas que estiveram presentes no feminismo há três ou quatro décadas atrás. Pra nós, o feminismo é um pensamento crítico diante da situação de exploração e

dominação que nós mulheres vivemos, mas também um movimento social de luta para mudar esta situação. E vai além disso. O feminismo é uma atitude cotidiana de resistência com a qual nós mulheres construímos a nós mesmas e o nosso projeto de vida, para além daquilo que o mundo nos diz que deve ser uma mulher.

O feminismo é uma linha melódica, uma inspiração de um sopro, mas nunca um caminho linear e uma trajetória segura. É sempre cheio de sobressaltos, idas e vindas, que fazem dele fonte de encontros conosco mesmo e com as outras, de alegrias com nossas pequenas conquistas no enfrentamento ao sistema, de tristezas frente a nossas recaídas na cultura patriarcal e de raiva frente ao crescimento de tudo que nos oprime.

Este espaço criado possibilitou o encontro de mulheres que tinham distintas aproximações com o feminismo, umas muito decididas e atuantes em alguns coletivos organizados a pouco tempo, outras iniciando uma relação, algumas retomando-a depois de um tempo e/ou de algumas críticas a forma como o movimento atua, outras ainda bem definidas em sua identidade feminista mas sem nenhuma experiência de atuação coletiva. Também nos encontramos com algumas garotas para

as quais o feminismo e a própria ideia de movimento social era em si uma novidade. Estas diferenças constituíram o ponto forte do processo pedagógico.

A nossa concepção pedagógica nos impulsiona a acompanharmos processos como este buscando construir capacidade crítica, criatividade e autonomia nos grupos e nas pessoas envolvidas. Para isso, nos parecia fundamental o reconhecimento das diferenças e desigualdades que existem entre nós mulheres, mas também a identificação com o que temos em comum. Daí o resgate da metodologia de autorreflexão feminista nos pareceu o melhor caminho para trilharmos. Ao mesmo tempo, o debate teórico-político e o apoio às ações de cada grupo envolvido, nos parecia ter potencial para facilitar uma integração deste processo ao movimento feminista como um todo, entendido aqui como algo que vai além da soma de seus grupos, articulações e ações políticas, ou seja, como um sentimento geral da ação das mulheres, enquanto sujeito político, contra o sistema patriarcal, racista e capitalista.

Foi um processo que iniciou a partir de uma articulação boca a boca, tentando juntar as interessadas, que se moldou basicamente com um encontro por mês, num sábado, de 9 às 17 horas ou um pouco mais e

com uma metodologia muito simples. Elas decidiram juntas que temas eram fundamentais e aceitaram de bom grado a proposta metodológica, acrescentando a ela uma vivência artístico-cultural.

Os encontros eram abertos com uma animação cultural ou com dinâmicas de integração, seguiam as manhãs com oficinas de autorreflexão sobre o tema previamente decidido, almoçávamos juntas e à tarde fazíamos uma roda de diálogo a partir de subsídios distribuídos anteriormente sobre o mesmo tema, para fechar discutíamos alguns encaminhamentos e em seguida tínhamos outra vivência artística. Entre um encontro e outro a comunicação se dava na lista de e-mails, na qual circulávamos também os materiais preparatórios; textos, vídeos, poesias... Uma comissão era escolhida a cada encontro para preparar o próximo, e fazia isso em conjunto com as educadoras do SOS que acompanhavam o processo, em duas ou três reuniões durante o mês. Esta decisão, além de facilitar a construção do grupo a partir da co-responsabilidade, permitia que esta equipe aprofundasse um pouco mais a questão em debate e pensasse um pouco sobre o processo em si.

O registro que apresentamos aqui tomou por base as minhas notas quase etnográficas sobre as reflexões e debates com

fragmentos de falas das participantes que não apenas ilustram, mas iluminam a compreensão de quem lê e não viveu estes momentos. Fala do que estas jovens mulheres participantes pensam a partir de suas experiências de vida, mas também como elas observam que as questões em debate estão sendo vivenciadas por outras jovens com as quais elas convivem. Neste sentido, este texto pode contribuir para atualizar algumas questões feministas.

Elas estão construindo o feminismo em suas vidas e nos grupos nos quais atuam, refletindo sobre sua situação como mulheres, organizando ações coletivas de luta por direitos, participando em movimentos sociais em torno de causas compartilhadas, se expressando com poesia, música, cinema, grafite, design... e também no jeito de ser e estar no mundo, transformando-o. Dá gosto ver.

FeminismoAgora!

O **FeminismoAgora!** começou como um espaço de troca, fortalecimento e construção coletiva. Não se sabia para onde ia, não se sabia sequer **FeminismoAgora!** Caminhávamos entre uma proposta de formação feminista e um espaço de articulação política, mas não sabíamos ao certo que tipo de formação ou que tipo de articulação política pretendíamos. A ideia surgiu a partir da proposta do SOS Corpo de articulação política com jovens mulheres feministas da Região Metropolitana de Recife. Nos primeiros encontros nos foi apresentada esta proposta, que integra um projeto maior realizado pelo SOS, o Cirandas, cujo propósito é o fortalecimento do movimento feminista e a contribuição nas lutas para superação da pobreza das mulheres através da articulação política com cinco categorias diferentes: trabalhadoras domésticas, mulheres que vivem e convivem com HIV-AIDS, promotoras legais populares, catadoras de material reciclável e jovens/estudantes e ainda com grupos e fóruns de mulheres de três bairros de Recife e mais cinco municípios da região. Isso define as três e, a princípio, únicas, particularidades do grupo: ser jovem, mulheres e ter interesse pelo feminismo. O intuito do SOS era fortalecer coletivos feministas e construir um espaço de debate sobre feminismo entre jovens

mulheres, mas pouco ou quase nada estava definido.

Como bem foi colocado em um dos primeiros encontros, foi *um pessoal que chegou junto* porque partilhava desejos e inquietações comuns. O feminismo é o primeiro ponto que nos une neste espaço. Para umas este feminismo se mostrava claro pelas suas trajetórias em diferentes articulações feministas, para outras se revelava como um *feminismo intuitivo e espontâneo*, que nas primeiras reuniões caracterizamos como uma indignação sensorial em relação às desigualdades vivenciadas cotidianamente.

O desejo de construir ações coletivas foi o segundo aspecto que nos levou àquele espaço e fez com que continuássemos a construí-lo. Desta forma, conseguimos definir o grupo como *um pessoal que chegou junto porque queria construir ações feministas de forma coletiva*. À parte estes pontos em comum, somos um grupo mais ou menos diverso. Vivenciamos o feminismo de formas diferentes e temos trajetórias de vida das mais diversas. Estas diferenças, desde o princípio, geraram um encantamento de umas com as outras, porque nos revelavam formas diferentes de pensar a vida e o feminismo. Por outro lado, quase todas temos formação universitária ou estamos na

universidade e a maioria está na área das humanidades. Isso, evidentemente, faz com que não representemos a juventude feminina feminista da RMR, e sim, uma juventude feminista específica, embora estejamos constantemente buscando formas de ampliar nossos horizontes.

A vontade de construir juntas deve ser maior do que a disputa política ou o medo da disputa. Este foi um mote que surgiu nas nossas primeiras conversas sobre o que deveria nos caracterizar. Podemos considerá-lo a nossa primeira escolha metodológica: queríamos discutir política com seriedade, mas queríamos fazê-lo em um ambiente leve e convidativo. Um sentimento que quase todas partilhamos – se não todas – é o de não reconhecimento em vários espaços de debate político consolidados, pelas suas formas de pensar e fazer política. Gostaríamos de transformar aqueles encontros numa tentativa diferente de articulação, onde pudéssemos partilhar nossas vivências, trabalhar a autoestima e autonomia, tantas vezes boicotadas em outros espaços, sem perder de vista o debate teórico-político.

O primeiro encontro levou a um segundo encontro com proposições ainda incertas, a tarefa de casa era pensar o que gostaríamos de construir ali. O segundo encontro

reuniu mais gente e durou um dia inteiro. O seu intuito principal era nos conhecermos melhor. Primeiro conhecermos umas às outras, segundo conhecermos os grupos e coletivos a que pertenciam as companheiras. Neste encontro decidimos que faríamos reuniões mensais e que o próximo encontro seria aquele em que definiríamos a metodologia das reuniões e as temáticas a serem discutidas. Ficou acordado que o sentido daquele espaço seria algo a ser construído paulatinamente e revisto a cada reunião. No fundo, o que se colocava é que só entenderíamos o que poderia surgir a partir daqueles encontros a medida que estes fossem acontecendo. Não era um espaço pré-moldado, certamente muitas tinham algumas ideias em relação ao que gostariam de construir, mas pouco nos conhecíamos. Era, e continua sendo, ao mesmo tempo, um desacelerar da ordem de produtividade em que estamos inseridas. Nos propomos a parar uma vez por mês para nos dedicarmos a nós mesmas, umas às outras e à uma articulação que não tinha um objetivo claro. O desafio era construir algo a partir da espontaneidade, dar tempo ao processo para que entendêssemos a partir do próprio processo a sua razão de ser e ele pudesse nos mostrar o que poderíamos construir juntas.

Construindo a nossa metodologia

Passamos a nos encontrar mensalmente, no primeiro sábado de cada mês. A cada encontro definimos quem estará responsável pela organização do próximo, que é sempre feita em parceria com Carmen e Mércia, do SOS Corpo. A princípio dividimos essa comissão de organização em um comitê cultural e outro pedagógico, em dada altura o mesmo grupo passou a ficar responsável pelas duas partes. A decisão de dividir o planejamento pedagógico do cultural se deu porque acreditamos que uma programação cultural bem elaborada ajudaria a construir um ambiente leve e porque gostaríamos de despertar outras sensorialidades e fugir da dicotomia razão/emoção. O intuito é que o espaço não seja

tomado puramente por uma razão prática e objetiva, mas que possamos trabalhar a dimensão lúdica da construção das nossas identidades. Para tal, cada turno (manhã e tarde) tem um momento de abertura e encerramento com dinâmicas que articulam o lúdico e a arte.

Para cada mês destinamos um tema a partir das nossas próprias inquietações – individuais e coletivas – e de forma mais ou menos articulada com a luta dos movimentos de mulheres e com as pautas de ações específicas dos grupos envolvidos. Ficou acordado que se algum tema extrapolasse o dia do encontro, marcaríamos outro encontro naquele mesmo mês para dar continuidade ao debate.

JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
08/07	06/07 - 13/07	03/08	04/09 - 21/09
Corpo e Sexualidade	Violência Part. Política	Diversidade e Lesbianidade	Direitos Reprod. e Aborto
OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JAN - FEVEREIRO
05/10	09/11	-	12/02/2014
Trabalho Direitos Reprod. e Aborto	Part. Política Racismo	Cultura: ato artístico Trabalho	Avaliação

Nos denominamos um grupo de mulheres jovens, mas que juventude pretendemos discutir? Embora o grupo esteja constantemente buscando se ampliar, não seria um desafio simples extrapolar aquela juventude feminista específica à qual pertencemos, principalmente porque o grupo foi se formando a partir do “boca a boca”. Se por um lado este fator fez com que criássemos com facilidade um ambiente em que nos sentíssemos confortáveis, porque conhecíamos previamente pelo menos uma ou outra pessoa que estava presente; por outro, levou a uma certa homogeneidade no grupo. Isso não nos impede de discutirmos temas que digam respeito à juventude de forma mais ampla, mas aparece claramente como um fator que localiza as nossas análises.

Definimos que, neste primeiro momento, o grupo não seria aberto a homens, mas estaríamos abertas à entrada de novas mulheres. O fim do processo não é em nós mesmas, por isso estamos sempre buscando agregar outras mulheres ao grupo. Apostamos em vivências e reflexões feministas, feitas em primeira pessoa, que partem da experiência individual para a construção de análises mais estruturais. A decisão de não aceitar homens no grupo reflete o desejo de fazer dos encontros um espaço onde realmente nos sentíssemos confortáveis para

expor questões íntimas e delicadas e onde houvesse cumplicidade e sigilo. O que tínhamos em vista era a construção de um espaço onde pudéssemos partilhar nossas angústias com as outras, cuidarmos de nós mesmas e das outras e nos fortalecermos, o que faz do espaço, de alguma forma, um espaço terapêutico. Por terapêutico não entendemos uma estratégia de “cura”, mas sim de fortalecimento pessoal. Para o movimento feminista, os espaços de cuidado e acolhimento com as mulheres são muito importantes como forma de fortalecimento de cada mulher. Como parte da condição geral que vivenciam as mulheres, essa é uma expressão do cuidado diferente de um espaço psicológico, porque é um espaço de reflexão e fortalecimento para as mulheres.

Os encontros são divididos em duas partes. Pela manhã iniciamos nossa reflexão sobre o tema a partir da nossa própria trajetória, partilhando nossas vivências. No final da manhã articulamos uma roda de elaboração que tem como propósito pensar a realidade da mulher jovem a partir das histórias divididas naquele espaço. Na volta do almoço começamos o debate teórico-político. Normalmente a comissão de organização propõe a leitura prévia de algum texto para guiar a discussão e partilhamos outros materiais sobre a temática no nossa

lista de e-mails antes do dia do encontro. A nossa reflexão teórico-política não está desarticulada das nossas vivências, pelo contrário, tomamos como referência as inquietações trazidas no turno da manhã para engrenar no debate da tarde.

A articulação também tem como objetivo o fortalecimento dos grupos envolvidos e das ações desses grupos. Ao longo do ano participaram dos encontros, com mais ou menos assiduidade, mulheres que integram os coletivos Além do Arco-íris, Benditas, Cine Vila, Cineclube Fazendo Milagres, Coletivo de Jovens Feministas, Flores Crew, Labris, Levante Popular da Juventude, Marcha das Vadias, Ou Vai Ou Racha e Rede Ecu-mênica da Juventude. A articulação política prévia nunca se fez uma condição para participar do FeminismoAgora! e estar ou não envolvida nas atividades de algum coletivo não é um fator de diferenciação no envolvimento de cada mulher no grupo ou na forma como vivenciamos o processo. Várias mulheres que não pertencem a nenhum grupo de articulação política específico também construíram este processo e algumas companheiras, mesmo pertencendo a articulações, preferem se ver dentro do FeminismoAgora! enquanto sujeito individual e não enquanto integrante ou representante de alguma articulação. Ao fim de cada encon-

tro normalmente divulgamos e discutimos os desafios e conquistas das ações umas das outras dos diferentes grupos. As ações desenvolvidas durante o ano de 2013 foram ações específicas de cada coletivo, exceto a ação na Parada da Diversidade, que denominamos Felicidade é ter direitos que partiu dos encontros do próprio FeminismoAgora! Algumas destas ações sofreram influência do processo que vivenciamos, desde o desejo de levá-las adiante à escolhas políticas ou metodológicas. O grau de interferência que esse processo que construímos juntas teve em cada coletivo variou a depender do envolvimento das meninas de cada coletivo no processo e do interesse de cada coletivo em discutir suas dificuldades neste espaço ou contando com momentos especiais com as educadoras do SOS.

Conseguimos construir um espaço horizontal e acolhedor, onde as trajetórias políticas de cada uma não se mostraram um fator de legitimação ou autoridade dentro do grupo. Me recordo do nervosismo que senti - depois, ao partilhá-lo com outras companheiras, descobri que não atingia apenas a mim - na primeira grande reunião de apresentação, quando tivemos que, em pé, nos apresentarmos às colegas. Nesta apresentação preenchemos cartelas coloridas onde deveria constar onde morávamos, como nos

enquadrávamos profissionalmente e como nos articulávamos politicamente. Claro, todas essas perguntas eram antecedidas por um se – se nos enquadrávamos profissionalmente, se nos articulávamos politicamente, quicá, se morávamos em algum lugar. O porém é que o se, nestes espaços, é quase sempre um artifício usado para não constranger uma ou outra pessoa que caiu de paraquedas em um encontro cujo público alvo são pessoas que já pertencem a algo. É uma tentativa de se mostrar aberto a outras pessoas, um artifício de muito boa fé, mas que normalmente não consegue cumprir seu objetivo de fazer com que as pessoas não se sintam constrangidas. Na altura, eu estava desempregada e não acumulava na minha trajetória nenhum tipo de envolvimento em articulações políticas. A cada

fala, sentia-me mais inibida a falar de mim. Foi interessante ver como essa atmosfera de cautela e constrangimento na forma de se apresentar se transformou rapidamente e no seu lugar criou-se um espaço de muito acolhimento e troca sincera. O próprio domínio teórico sobre feminismo, que era e continua sendo extremamente desigual entre nós, nunca criou um protagonismo daquelas que conhecem mais nos debates. Quando algumas de nós preferem dizer que participam deste espaço enquanto mulheres e não enquanto integrantes de tal ou tal coletivo, acredito que é porque fomos bem sucedidas na criação de um ambiente de intimidade e que o fortalecimento pessoal se tornou o verdadeiro fator de fortalecimento de cada coletivo em que estamos inseridas.

Corpo e Sexualidade

Data: 08.07.2013

Local: SOS Corpo

Participantes: 15

Programação do Encontro

MANHÃ

- **Abecedário: dinâmica de integração**

Passar um objeto em círculo com uma música tocando, quando a música parar a pessoa que está com o objeto tem que escolher uma letra e responder às perguntas feitas pelo grupo com palavras que comecem com aquela letra

- **Oficina de sexualidade: pintura individual com giz de cera**

Exercício de reflexão individual: pensar sobre mim mesma e a forma como vivencio a minha sexualidade

- **Depoimentos: como é a minha sexualidade?**

Diálogo com todo o grupo

- **Roda de elaboração: “a sexualidade das mulheres jovens hoje é...”**

Reflexão com todo o grupo a partir das nossas experiências

TARDE

- **Dinâmica: dança da pegação**

Coreografia “bonita e gostosa”: cada uma faz um movimento no círculo e juntas fazemos os mesmos movimentos

- **Debate teórico-político:**

1) Cochicho: pensar em dupla questões para debate e escrevê-las em cartelas

2) Formar blocos de questões que dialogam entre si

3) Debater as questões por blocos

- **Fechamento: Fotografia**

Dinâmica em dupla: fotografar uma a outra

Pergunta se ela goza

Um dos motivos pelos quais decidimos nos debruçar sobre o tema *corpo e sexualidade* neste encontro foi a proximidade com a Marcha das Vadias, que aconteceu no dia 25 de maio e tem na busca pela liberdade dos nossos corpos um dos motes centrais. A experiência da Marcha das Vadias certamente aqueceu o debate entre nós, mas não chegamos a discutir longamente sobre questões relacionadas ao evento.

O sentimento geral do debate foi o de que nós, mulheres jovens na década de 2010, somos mais livres que as gerações anteriores. Somos mais livres, porém, muitas vezes acreditamos que somos mais livres do que realmente somos. Essa crença gera certa acomodação por parte das mulheres, que por vezes negam o debate ou a luta pela igualdade de gênero. Se antes negávamos esse debate por uma rejeição em relação ao tema ou porque as coisas *eram como deveriam ser*, quando as mulheres acreditavam que deveriam ser submissas aos homens, hoje muitas vezes negligenciamos o debate pela afirmação de que ele já está superado. Não está em nenhuma instância e a sexualidade, entre outras esferas das nossas vidas, continua permeada por muita angústia, não-realização, dor e opressão.

Para muitas mulheres o tabu da virgindade foi superado - não para todas, que fique claro. Podemos nos dar ao antes negado *luxo* de experimentar o sexo com ou vários parceirxs. A grande conquista, na realidade, não passa por aquele discurso tão comum de que podemos saber se gostamos daquele ou daquela parceira antes de escolhermos ficar com elx para sempre. A verdadeira conquista é o direito de conhecer e explorar os prazeres do corpo sem culpa, poder descobrir nosso corpo no encontro com o dx

•
“É menos desafiante do que no contexto da década de oitenta. Temos mais liberdade, mas nos acomodamos”

•
“De si para si, podemos ser o que quisermos, mas as pessoas olham, apontam, isso constrange”

outrx e também fazer essa descoberta sozinhas, porque a *desdemonização* do sexo significa a *desdemonização* do prazer sexual e se traduz na ideia de que gozar não é errado. Uma das consequências disso é que a masturbação também deixa de ser considerada um erro.

Gozar deixa de ser um erro, mas querer gozar muito, sempre, com diferentes homens ou mulheres, continua demasiado libertino aos olhos da sociedade. De fato, temos a liberdade de experimentar o prazer sexual com diversxs parceirxs e de diversas formas, mas uma vez realizada esta escolha, *arque com as consequências*, é o que a sociedade nos diz. Continuamos sob o jugo de uma sociedade hipócrita e moralista e nos vemos coibidas cotidianamente, muitas vezes até mesmo em esferas sociais que consideramos libertárias.

Do discurso à prática, uma filosofia de vida feminista pode percorrer longos e distintos caminhos, avançando e por vezes também regredindo para depois voltarmos a avançar na busca por autonomia e igualdade em todos os aspectos das nossas vidas. Todas nós vivenciamos este processo e estamos sempre lidando com os desafios que essa busca nos impõe. O cânone de que a mulher deve *se dar ao valor* não está presente apenas na mentalidade dos mais velhos ou de pessoas que consideramos extremamente conservadoras, nos deparamos com situações de opressão onde não imaginávamos. Somos mulheres de esquerda, estamos engajadas ou apoiamos as mais diversas lutas contra-hegemônicas, nossxs amigxs também, vivemos em um ciclo social que se diz *alternativo* e ainda assim constatamos que o machismo se mantém presente em nossas vidas e está longe de ser uma questão superada.

•

“De onde venho e a maioria das mulheres que conheço, a realidade do hip hop, das comunidades de periferia e das mulheres negras, a sexualidade é reprimida em casa e no movimento, cheio de homens machistas e homofóbicos... Quando a mina não é reprimida em casa, na igreja, ela é no movimento, pelos caras e pelas outras minas, que não querem sair nem pintar com uma mina que sai com muitos caras...”

•

“Tudo é muito subliminar. Você está com um cara que é alternativo, mas tem que estar super alerta. Até mesmo entre os gays têm aqueles que são super lesbofóbicos. É tudo subliminar”

Há uma regulação silenciosa da sociedade em relação às nossas práticas sexuais. Não é silenciosa porque não tem consequências na forma como nos relacionamos com as pessoas, me utilizo da expressão silenciosa para dizer que o tema não é discutido abertamente, o que faz com que essa regulação continue a imperar também em círculos sociais que têm posicionamentos libertários, se escondendo atrás de discursos revolucionários e alternativos que não conseguem se concretizar na prática - permeada por atitudes machistas - ou que simplesmente negligenciam a discussão de gênero. Como dizia um cartaz que lembro de ter visto em alguma foto da Marcha das Vadias de 2013, "ei alterna, eu sei que você é machista".

Por ser assim tão sinuosa, essa opressão por vezes se torna difícil de perceber e, quando a percebemos, se mostra extremamente desafiadora de ser superada. Constatamos essas dificuldades nas tentativas de relacionamento aberto e poliamor que algumas viveram ou acompanharam de perto. O amor livre e o poliamor, como um consenso entre as meninas do grupo, é uma forma de amar que coloca em cheque uma série de pressupostos da sociedade em que vivemos, dentre eles a desigualdade de gênero. Tem como um dos primeiros fundamentos a construção de relacionamentos igualitários onde a liberdade seja alcançada por todas as partes. É, por esse e outros fatores, em si, uma proposta libertária. Concordamos que é uma busca interessante e que pode funcionar. O que vivenciamos, entretanto, nos mostra que não é uma escolha simples. O machismo enraizado na construção das nossas identidades, quando não intensamente discutido e trabalhado, pode fazer com que tentativas libertárias acabem

- ***“Até que ponto as tentativas de relacionamento aberto são vividas de forma horizontal ou se tornam arbitrarias, onde a mulher acaba se submetendo a várias coisas que não gostaria e acaba revestindo essa submissão com um discurso ideológico. E no final estamos tão submissas como uma Amélia”***

- ***“Novos arranjos de relacionamento que reproduzem antigas relações de poder”***

- ***“Poliamor também pode ser repressão. Você não quer, mas vai viver porque isso é que é ser libertário”***

por perpetuar antigas relações de poder, onde as mulheres continuam oprimidas, seja porque acatam à propostas que não gostariam de acatar e acabam sofrendo, seja porque os homens acabam por viver essa liberdade de forma mais concreta que as mulheres.

Ironicamente *se dar ao valor* passa exatamente pelo oposto do que nos é colocado. *Se dar ao valor* é, na realidade, ouvir os nossos próprios desejos, conhecer os nossos próprios corpos, buscar a felicidade nas nossas práticas sexuais e afetivas. Para superar a ideia de fragilidade e submissão relacionada às mulheres, as vezes criamos mecanismos de emancipação que, para serem articulados, precisam silenciar nossos sentimentos. Estamos impregnadas por verdades que não são as nossas, para superá-las, a primeira coisa que precisamos fazer é não nos desvincularmos de nós mesmas, buscarmos, a cada dia, a cada experiência vivida, nos ouvir e nos entender.

O que é uma mulher realizada na vida sexual? Em que medida nossa sexualidade se dissocia da nossa afetividade? Deveríamos dissociá-las? Algumas de nós acreditamos que o estereótipo de *mulher bem resolvida sexualmente* que se criou reproduz um modelo masculino de viver a sexualidade, que é muitas vezes utilitarista e passa pela coisificação dx outrx. O que buscamos é muito diferente, queremos construir relações sexuais onde exista afeto. Por afeto não entendemos necessariamente a projeção de um relacionamento sério em cada experiência vivida, mas, sim, carinho, respeito e cuidado.

Por outro lado, essa busca pelo afeto pode se confundir e acabar sendo um reflexo de tentativas - que serão sempre frustradas - de encontrar nx outrx aquilo que não está forta-

“Eu posso querer ser livre para escolher ter um parceiro a vida toda”

•

“Qual é a vantagem de dissociar sexo e afeto? Gosto de tudo junto e misturado”

•

“Tem isso de dar hoje. Combinar pra quem vai dar na festa, se sentir livre, mas ficar chorando porque não tem um relacionamento sério. Então existe a liberdade sexual de escolher com quem vai ficar, mas continua existindo também o desejo de encontrar um parceiro...”

•

“Dar pra todo mundo, mas com a projeção de encontrar afeto. Isso é que machuca. Essas tentativas são uma forma de tentar se descobrir, se encontrar.”

lecido em nós mesmas. Isso está associado à uma ideia de incompletude presente na formação das nossas identidades enquanto mulheres, que faz com que estejamos sempre em busca de alguém que supra os nossos vazios, um parceiro ou parceira com quem construir uma vida, um parceiro ou parceira ideal. Por trás da identidade de mulher forte e bem resolvida, as vezes se esconde uma mulher que projeta desejos naquelas relações efêmeras que não são realizados, o que também gera sofrimento e frustração.

Em contraposição a este argumento, chegamos à conclusão de que a busca por relacionamentos efêmeros também pode ser sincera. Acreditar que isso é apenas uma máscara de algumas mulheres seria afirmar que as mulheres não conseguem viver o prazer pelo prazer. Nós também temos desejos sexuais e fetiches, transar com desconhecidos ou com pessoas com as quais não teremos uma relação duradoura ou sequer conhecemos, assim como as vezes é para o homem, para as mulheres também pode ser apenas uma forma de se dar prazer e dar prazer x outrx.

Durante as nossas reflexões focamos mais nas discussões sobre sexualidade, pouco exploramos a temática do corpo. Em alguns momentos os depoimentos foram um pouco sofridos, mas o aprofundamento na temática se deu de forma espontânea e, em geral, leve. O fato do grupo ter sido pequeno provavelmente ajudou a criar um ambiente de intimidade. Embora tenhamos conseguido articular nossas vivências com a teoria, houve pouca leitura do texto recomendado pela comissão de organização. Tivemos muitos atrasos, o que em alguns momentos quebrou a dinâmica que estava sendo construída e por isso é um ponto que precisamos trabalhar.

“Os homens entendem que mulher gosta de sexo, mas não entendem que uma mulher só queira sexo”

•

“Sexo casual não é necessariamente dissociado do respeito, não é necessariamente um modelo sujeito/objeto”

•

“A gente consegue ser uma mulher forte em vários planos da vida, mas na afetividade a gente escorrega, se fragiliza e as vezes se vê dependente. É super desafiador tirar todas essas ideias de emancipação do plano das ideias e vivê-las. Acho que é ainda mais difícil para quem tem uma relação heterossexual”

Textos indicados para leitura

Comissão de organização:

Corpo e Sexualidade, de Ana Paula Portela

Breves Reseñas de Algunas Teorías Lésbicas, de Jules Falquet

Leituras compartilhadas nos e-mails:

<http://anarcopunk.org/acaoantisexistista/uncategorized/razoes-pelas-quais-eu-nao-vou-na-marcha-das-vadias/>

Encaminhamentos

- Após o bate-papo sobre fotografia e imagem, decidimos que cada uma poderia fotografar-se nua, em sua casa, e partilhar com o grupo a experiência de ter feito isso
- O SOS ofereceu a possibilidade de participação em um curso de formação política e decidimos que iríamos ter três de nós na turma do Curso Cirandas Feministas, que seria realizados em quatro fins de semanas de julho a novembro de 2013, em conjunto com mulheres de outros grupos da região metropolitana do Recife.
26 a 28 de julho
16 a 18 de agosto
13 a 15 de setembro
25 a 27 outubro
15 a 17 de novembro
- Discutimos e organizamos uma proposta da Marcha das Vadias: Puxar uma reunião com vários movimentos de mulheres e feministas independentes para organizar uma ação contra o Estatuto do Nascituro. A reunião aconteceu no dia 30 de maio e organizou a ação para o sábado seguinte, 01 de junho, um ato e panfletagem no centro da cidade.
- Discutimos o esvaziamento das reuniões e como mobilizar as outras. Decidimos enviar e-mails e telefonar.
- Foi informado sobre o curso sobre teoria feminista, Caleidoscópio, oferecido pelo SOS Corpo, a ser realizado na segunda quinzena de setembro, com inscrições abertas para todas as interessadas.

Fortalecendo as ações dos coletivos



Marcha das Vadias

25 de maio de 2013

14h no Derby, iniciando com uma oficina de grafiteagem e performances: Bem ditas, Loucas de Pedra Lilás, Coletivo Rua das Vadias, Bloco ou vai ou Racha, Conchitas.

Debates preparatórios:

20.05 - Direitos Sexuais e Reprodutivos (Fundaj)
22.05 - Violência (UFPE)
24.05 - Direitos Sexuais e Autonomia.

Participação Política

Data: 13.07.2013
Local: SOS Corpo
Participantes: 8

Programação do Encontro

MANHÃ

• **Dinâmica de integração: Espaço Reduzido**

A ideia é viver uma situação de coordenação de ações coletivas com pouco espaço político: distribuir cartelas com letras e convidar as participantes a entrarem em um retângulo desenhado no chão com fita crepe, ninguém deve/pode sair do espaço fixado. Uma vez dentro do retângulo, convidamos a todas para se auto-organizarem em uma fila por idade. Quando terminarem de se organizar, deverão se reorganizar para formar uma frase com as letras. A frase é: “por uma vida sem catracas” e cada palavra está escrita em uma cor diferente, para ajudar na decodificação da frase.

• **Roda de reflexão: sentindo e pensando a onda de protestos, trocar com o grande grupo os sentimentos e sensações que tiveram durante as mobilizações de junho e julho.**

• **Roda de elaboração: refletir sobre a conjuntura a partir de 4 perguntas:**

1. O que as ruas nos mostram?
2. Por que aconteceu esta onda de mobili-

zações?

3. Quais foram os resultados desta onda de mobilizações?

4. Qual o futuro desta onda de mobilizações? Quais os desafios para os movimentos sociais e os movimentos feministas?

As perguntas serão colocadas dentro de algumas bolas. Com a música “Acredito na rapaziada”, de Gonzaguinha, convidar as participantes a dançar com os balões, jogando-os e trocando-os. Ao final da música, cada uma estoura a bola que tiver em mãos e lê sua pergunta. Novamente sentadas, vamos buscar responder as perguntas, uma de cada vez, pela ordem. Todas que tem aquela pergunta respondem e depois outras buscam complementar ou divergir.

• **Dinâmica de reflexão e relaxamento: caminho imaginado**

Com uma música calma ao fundo, lê um texto enquanto caminhamos na sala. Questão para reflexão: que práticas políticas você deixa e quais você leva consigo deste momento?

TARDE

• Dinâmica de re-abertura: A Máquina

Para pensar sobre facilidades e dificuldades de construir em grupo uma ação coletiva. Formar pequenos grupos e solicitar que construam uma máquina para apresentação com os corpos e sem fala. Os grupos apresentam, um de cada vez, e os outros tentam descobrir que máquina é aquela

• Análise das relações políticas nos protestos

Debater no coletivo quem são as organizações que compõem as mobilizações políticas atuais? Que relações elas mantêm umas com as outras.

No quadro, ir estabelecendo tipos de relação: linha pontilhada (relação frágil), linha forte (relação forte), linha com x (relação conflituosa), linha em espiral (relação de unidade política). Ao final teremos uma teia de organizações e relações.

• Roda de debate

1. O que essa teia nos mostra do ponto de vista do movimento feminista?
2. Quais desafios se colocam para o movimento feminista frente a onda de protestos?

• Rodada de encaminhamentos (16h às 17h)

1. Revisão da agenda e reorganização dos temas
2. Pensando o exercício de fotografia: O que foi feito? Como foi feito? Como nos sentimos?

Por uma vida sem catracas

O encontro de julho, que a princípio seria no dia 06, tinha como tema a violência contra as mulheres. Em decorrência da onda de mobilizações que aconteceram em junho e julho de 2013 em todo o Brasil, decidimos mudar o tema do mês para 'participação política'. Nossos encontros são um espaço para partilhar nossas angústias, naquele momento elas estavam completamente ligadas ao que estava acontecendo nas ruas.

Todo o alvoroço começou a tomar forma em fins de maio. Ano após ano vemos os preços das passagens dos transportes públicos sofrerem aumentos abusivos em várias cidades do país, nos erguemos contra estas decisões, nossos protestos são violentamente silenciados e as nossas reivindicações ignoradas. É uma dinâmica quase cíclica na história recente do país e embora não deixemos de ir às ruas com a vontade de fazer diferente, é preciso assumir que a derrota deixou de se mostrar inesperada e inaceitável. Com a opinião pública, em geral, contrária às manifestações e apoiando a violência estatal, sempre se mostra difícil sustentar ações mais duradouras.

O que aconteceu em São Paulo em 2013 marca a história do país por ter rompido com este ciclo. As mobilizações chamadas pelo MPL (Movimento Passe Livre) foram recebidas pelo Estado com a violência de sempre, mas, a cada ato marcado, o número de manifestantes crescia. E a medida que crescia o número de manifestantes, crescia a violência policial até que chegou ao inaceitável – estranho que, para opinião pública, exista um grau de violência do estado contra os cidadãos que seja considerado aceitável, mas existe. O inaceitável também tomou forma quando jornalistas passaram a ser vítimas dessa mesma violência. O cenário mudou, a população e os meios de comunicação, numa relação de influência mútua, na qual a internet desempenhou um papel central, passaram a apoiar as manifestações e estas tomaram um caráter nacional. Aquele momento mudou, no imaginário social, a forma como se concebe o ato de rebelar-se, levando às ruas um número de pessoas que há muito tempo o país não via e alcançou uma primeira vitória: a redução das passagens, nos mostrando que é possível mudar as coisas.

A partir do momento em que esta onda de indignação foi crescendo, o caráter de reivindicação da movimentação foi tomando rumos distintos e, quando chegou à Recife, o país já estava tomando por uma sentimento nacionalista estranho que havia sido propagado pelos meios de comunicação. Um dia antes do primeiro ato na cidade, 20 de junho, o preço da passagem foi reduzido pelo governador (o que vinha acontecendo em vá-

rias cidades), os moldes em que as mobilizações deveriam acontecer haviam sido determinados e o acontecimento adquiriu um caráter festivo e sem coesão política.

O momento era de muita dúvida e inquietação, isso se traduziu nos depoimentos das nossas vivências nas manifestações. Os relatos foram longos e complementavam uns aos das outras, construindo um interessante mosaico de experiências. Se, por um lado, ainda estávamos tomadas pelo sentimento de excitação que começou a se instalar nacionalmente nos primeiros protestos de São Paulo e certamente atingiu seu cume no dia 17 de junho, quando, em Recife, assistíamos pela televisão os números de pessoas nas ruas crescerem exponencialmente e as autoridades começarem a perder o controle da situação; por outro, o sentimento de derrota que se instalou depois do que presenciamos nas ruas de Recife, e em boa parte do Brasil, na manifestação de 20 de junho – aqui apelidada de Galo da Cidadania – também continuava aceso. A sensação mais clara e unânime naquilo que partilhamos foi a de incompreensão em relação ao que estava se passando. Nesse sentido, um momento para sentarmos, dividirmos nossas impressões, angústias e dúvidas foi muito rico e se não saímos de lá com certezas, ao menos conseguimos ponderar nossos pontos de vista, pensar o momento a partir de perspectivas diferentes e ter uma visão mais clara de como encarar aquele momento.

Por alguns dias todo o Brasil parecia suspenso, ninguém entendia bem o que estava acontecendo, o que aquilo representava e para onde estava nos levando. As diferentes conotações que estas manifestações foram encarnando certamente nos intrigaram ainda mais que as suas propor-

“A gente em Recife não tinha uma bandeira que unisse. E o governador ainda deu a redução da tarifa um dia antes. Em todo caso, o que isso mostra é que indo para a rua alguma coisa acontece. Se a gente vai pra rua, alguma coisa acontece”

•

“O sentimento começou de euforia, vendo as coisas pela TV. Isso foi crescendo. Parecia que o cenário político estava virando”

•

“Antes do dia 20 eu me senti muito por fora. Eu não me integro ao facebook, tentei ler umas coisas mas não lido bem com a internet. Eu estava me empolgando. Estava desconfiada, mas achava que era o começo de uma mudança...”

ções. Por vezes fizeram até com que pensássemos que em vez de um avanço político, o jogo havia virado, e presenciávamos um retrocesso estranho em vários debates. Foi isso o que sentimos quando fomos às ruas no dia 20 e fomos recebidas com uma multidão em clima de festa, coberta de verde e amarelo e cantando o hino nacional.

O gigante acordou, anunciava a Rede Globo, que na realidade tinha um importante papel na cutucada que fez o gigante acordar. A cutucada, infelizmente, não eram as tantas blasfêmias transmitidas nos telejornais ou suas racistas, machistas e homofóbicas telenovelas, contra às quais a população se erguia. Na contramão do que gostaríamos que fosse, a cutucada era um chamado às ruas para a festa da democracia brasileira - pacífica e alegre, que fique registrado. O povo, então, se tornara a segunda polícia nas ruas, condenando qualquer ato que parecesse transgressor, em um contexto que deveria ser, em si, transgressor. Isso se desdobrou num longo debate, suscitado principalmente pelos meios de comunicação, sobre pacifismo versus vandalismo, que pairavam sob as análises do contexto.

Aos nossos olhos, havíamos perdido o prumo e o sentimento partilhado por nós foi de não nos reconhecermos naquilo que presenciávamos. Os detentores dos meios de comunicação tinham conseguido calar nossos gritos com pautas abstratas e muitas vezes conservadoras ou simplesmente disseminando um sentimento nacionalista. O gigante acordou era um slogan - sim, um slogan - alienante, que convidava as pessoas às ruas para celebrar que o próprio gigante havia acordado, como se este fosse um fim em si mesmo. Nos convidava às ruas com a bandeira nacional em punhos, ignorando os significados históricos

“Isso aqui é muito rico. Esta vivência em que cada um traz a sua experiência é muito importante. A gente vai se vendo nas falas umas das outras. Fui vendo como minha análise estava focada na direita... Só pensando sobre esse embate entre direita e esquerda...”

•

“Em dado momento senti medo, vi que minha pauta não era aceita pelas pessoas que estavam ali”

•

“Uma hora um cara subiu no ombro de outro para olhar e o pessoal ao redor começou a gritar “sem violência”. Qualquer coisa começava esse negócio”

•

“O ‘sem violência’ sempre foi para a polícia, no dia 20 se virou contra os manifestantes. No dia 26 o “sem violência” fazia sentido, foi contra a tropa de choque”

desse sentimento nacionalista e ignorando o fato de que nunca houve nenhum gigante adormecido. Em suma, o slogan ignorava completamente a história das nossas lutas sociais e, ironicamente, colocava a população em oposição aos movimentos que historicamente lutaram por direitos e liberdades.

O debate sobre a repulsa às bandeiras de partidos e movimentos sociais é certamente mais complexo que isso. Não podemos entendê-lo simplesmente como uma estratégia da direita, que se aproveitou da falta de legitimidade da política institucional, o que se desdobra na falta de legitimidade das bandeiras de partidos políticos - no caso, as de esquerda, porque são as únicas que vão para as ruas - para incitar a falta de legitimidade do governo do PT. De fato, isso aconteceu, mas é apenas mais uma das confusões que o momento de reboço político que vivemos nos trouxe. A negação das bandeiras de partidos, a princípio, era e ainda é também a expressão de uma juventude de esquerda que não mais se vê representada pela esquerda institucional e que advoga por alternativas políticas que vão além das que estão postas. O debate entre nós foi no sentido de que não podemos perder de vista a crise de representação política em voga. Tudo se inicia aí e mesmo aqueles que foram às ruas a reboque da mídia o foram por um sentimento de indignação à tudo que está posto. O grande problema é que indignação pura e simplesmente, sem consciência política, pode servir a várias manobras, foi esse o medo que se instalou.

No dia 13 de julho, dia do nosso encontro, tínhamos passado pela grande caminhada verde e amarela do dia 20, por uma caminhada menor, mas ainda de grande propor-

“Não senti emoção, só estranhamento. Vi um professor de sociologia na calçada e me senti sendo analisada. Veio um sentimento de alienação, senti que todas nós estávamos com a bandeira do Brasil”

•

“Eu estava angustiada por três coisas. Como psicóloga, feminista e bissexual. Cura gay, Estatuto do Nascituro e Ato médico. Tudo junto”

•

“Fomos para a casa de um amigo na Rua da Aurora. A TV estava ligada, todo mundo vendo as cenas de Brasília, do Rio, e todo mundo discutindo, e eu não estava nem conseguindo falar”

•

“Sou muito desconfiada e não estava sabendo de muita coisa. Eu tinha que estar lá para ver, mas quando cheguei no Derby vi que estava estranho. Tinha tenda da OAB, gente com rosas...”

ção para o histórico recente da cidade, no dia 26 de junho, em que os movimentos sociais conseguiram se organizar minimamente e tiveram alguma visibilidade, embora não tenham sido protagonistas; e uma caminhada menor ainda, mas com certeza mais barulhenta por causa dos trios elétricos e megafones, levantada pelos movimentos sindicais no dia 11 de julho. Qual era o sentimento que tínhamos em mãos? Precisávamos agir! Nos sentimos ingênuas no dia da grande manifestação do dia 20. Nos organizamos para ir juntas com os movimentos feministas e nos perdemos no meio da multidão, não conseguimos empunhar com força nossas pautas e, no final, acabamos contando como números a mais para o Galo da Cidadania. Ao lado de leituras pessimistas, algumas companheiras trouxeram avaliações mais positivas - e de forma alguma menos críticas - em relação ao momento. Um fator era inegável diante de toda aquela confusão: as ruas estavam cheias. E isso iria alterar a conjuntura.

A nossa geração estava ocupando as ruas em massa como nunca havia acontecido. Sem dúvidas, acontecesse o que acontecesse, isso já era uma vitória. Somos frutos de uma geração criada sob a convicção - se não dentro de casa, certamente sob a influência de outros círculos de socialização - de que chegamos ao "fim da história" - expressão hegeliana resgatada pelo teórico norte-americano Francis Fukuyama para afirmar que, com o fim do socialismo como ideologia de Estado em 1989, haveríamos de ter chegado ao fim do movimento dialético da história com o triunfo do neoliberalismo. Vimos, a maior parte de nós, em Recife, a esquerda subir ao poder quando éramos muito novas - através da eleição de João Paulo, do PT, como pre-

"Fiquei vendo que o pessoal ali vinha de vários lugares. Vi duas crianças abraçadas com um cartaz "protesto dos cheira-cola". Acho que tem muita coisa pra gente pensar. A partir do nosso lugar e de outro que não é nosso"

•

"Nas ruas quando a gente não se organiza, a gente é manipulado"

•

"Na quarta [19.06] eu já estava me sentindo muito angustiada. Vi gente que sei que é conservadora defendendo a mobilização. Já fui preparada pro pior, mas foi ainda pior. Me senti ingênuas, não encontrei espaço de resistência, achei que a gente estava fazendo número para aquela palhaçada"

•

"A princípio, empolgação. Eu tinha vontade de ver minha geração sair pra a rua em massa"

feito em 2000. Dois anos depois, a vitória de Lula abria um novo momento político no país. E muita coisa mudou. Esse breve resgate histórico não pretende entrar na discussão do mérito dos governos do PT, tampouco chegar ao argumento problemático e simplista de que, com a chegada do PT ao poder, teríamos tido a comprovação de que os políticos são todos farinha do mesmo saco – argumento que em um segundo momento fundamentou a negação das bandeiras políticas nas manifestações. O intuito é trazer para o debate momentos históricos que foram decisivos para o país e também para a construção das nossas identidades políticas e que nos ajudam a entender a nossa geração e aquilo que presenciamos nas ruas e na TV.

No momento em que a esquerda sobe ao poder e não realiza a maior parte das ações que esperava-se dela começávamos ou engatinhávamos em nossas articulações políticas. Era, em alguma medida, um momento de desilusão. A falta de identificação com os partidos e movimentos sociais historicamente de esquerda é fruto do sentimento de indignação em relação ao status quo. Essa oposição não poderia ser de direita e por isso se coloca ainda mais à esquerda daquela esquerda. Foi esse sentimento de indignação que gerou repulsa às bandeiras vermelhas nas ruas, por estarmos cansados de vermos nossas lutas serem indevidamente protagonizadas por quem não nos representa. Era uma forma de dizer que a ascensão da esquerda ao aparelho estatal não é um fim em si, que a esquerda se renova e que não é esta a sociedade que queremos construir. Depois o discurso foi tomando rumos diversos, mas o que está por trás desta manifestação coletiva do coletivo Brasil é um surto de indignação generalizado e uma res-

“Mesmo assim, eu vibro na multidão. Eu quero ficar, ver onde vai dar. Para mim em todo momento teve emoção, seja na forma louca e desordenada do dia 20, seja de forma mais formal como no dia 11, ou como no dia 26”

•

“Fui para a reunião da Frente do Transporte, com sessenta estudantes, e a polícia foi lá, cercar... Eu não aguento essa repressão. Fui também lá na reunião das centrais sindicais e vi a forma reativa, sem ouvir os outros movimentos, a forma mais tradicional...”

•

“No dia 26 tiveram coisas legais. Entramos na periferia, conseguimos agregar um pessoal. Não foi como a outra, tão clássista e com tanto preconceito. Então o dia 26 foi bom, terminou péssimo com as prisões, mas nem se compara com outros momentos de violência da polícia que a gente já viveu aqui”

posta ao caos urbano que tem se instalado nas grandes cidades do país. A legitimidade que esta indignação partilhada por todxs deu à ocupação das ruas foi uma grande vitória, levou às ruas aqueles que normalmente não iam e xs fez enxergar estas ocupações a partir de outras perspectivas. Resgatamos que é legítimo nos rebelar e que é legítimo ocupar.

O dia 26 de junho serviu para nos mostrar que o que aconteceu não foi apenas uma onda festiva. Embora o número de pessoas nas ruas não possa ser comparado ao do dia 20, o discurso era bem mais coeso. A polícia não foi tão receptiva desta vez, isso também foi importante para alertar sobre o quão manipulado foi o evento do dia 20. O dia 11 de julho trouxe à tona mais uma enxurrada de sentimentos e o não pertencimento àquilo reapareceu entre algumas de nós, outras se sentiram mais contempladas pela manifestação. Como nos outros dias (20 e 26), as ruas da cidade estavam vazias – as manifestações foram articuladas em dias de jogo de futebol da seleção brasileira ou, quando marcadas em outros dias, foi decretado ‘feriado’ pelo Estado.

No dia do encontro lembro de termos discutido que, se não está bom quando não tem pauta, não está bom quando é encabeçado pelos movimentos sociais, quando é que está bom? Hoje, passado quase um ano, acho que podemos considerar junho como a abertura de uma fase de debates políticos em chamadas no país (às vezes literalmente), que nos revelam que nada está bom. É um momento de questionamento do que estrutura a nossa cultura política, das formas de representação política partidária e da forma de organização dos movimentos sociais. Não há um projeto de sociedade bem acabado, mas há o surgimento de novas

“Fiquei vendo na TV o pessoal falando que era um movimento pacífico, o que na verdade significa inofensivo”

•

“Dia 11 também teve muita dúvida. Aquela forma de se manifestar não me representa, aquela disputa por microfone. Eu sabia que tinha sido chamado pelos sindicatos e movimentos sociais, mas não sabia que ia ser só sindicato e movimento social, sem diálogo com a outra galera que tem críticas a essa forma de fazer política”

•

“Fiquei angustiada, mas não sou do pessimismo. Se a gente fica vendo tudo como ruim a gente cria um campo de “não ação”, que engessa a gente...”

•

“Dizer que está tudo ruim não significa se abster, ficar em casa... A gente tem mesmo que fazer a crítica. É uma crise de tudo!”

reflexões, novos sujeitos e novas formas de fazer política. Se aquela conversa foi importante naquele momento, continua uma discussão urgente em 2014, com todos os desafios que temos pela frente. Junho foi apenas o começo. A nossa questão é compreender, neste contexto de volta às ruas, como fortalecer a discussão sobre o projeto de sociedade que queremos construir e o grande desafio para o movimento feminista é conseguir espaço na agenda política para discussão das nossas pautas.

•
“A gente não está mais no mesmo lugar, mesmo quem veio à toa passou a conhecer coisas. A médio prazo isso gera mudanças mais significativas. Foi um ‘se ligue’.”

•

•
“Minha participação foi bem atípica. Fui sem grupo, peguei uma câmera, fiquei solta, eu queria ver como funciona a multidão. O pior foi ver o ódio da classe burguesa contra os meninos da torcida jovem,

contra a periferia. Eu via a indiferença das pessoas, algumas aterrorizadas com os meninos soltando bombinhas. Eu conversei com alguns e a ideia de uns era “quebrar geral”. Meu sentimento foi bom ao ver

peessoas que nunca foram às ruas, mas doía a relação da classe média com a periferia. Eu passei no meio da Inferno Coral e era ódio. Eu pensei ‘o que é que a gente dos movimentos sociais está fazendo?’”

•

Textos indicados para leitura

Leituras partilhadas nos e-mails:

A vida sem catracas - Notas breves sobre as particularidades do movimento de protestos no Brasil, de Alipio de Sousa Filho.

Encaminhamentos

- Retomamos o encaminhamento para participação no Curso Cirandas Feministas
- Fomos convidadas para o debate sobre a Reforma Política no FMPE – Fórum de Mulheres de Pernambuco, dia 17 de junho.

Diversidade e Lesbianidade

Programação do Encontro

Data: 03.08.2013
Local: SOS Corpo
Participantes: 15

MANHÃ

- **Roda de massagem: dinâmica de integração**

Em círculo, convidar as participantes a fazer massagem na amiga ao lado, depois mudar a direção do círculo. No fim, permanecer um tempo no aconchego.

- **Como é a minha sexualidade e minha identidade sexual?**

Reflexão em grupos de três

- **Roda de elaboração: refletir sobre a mesma pergunta no grande grupo.**

TARDE

- **Documentário sobre travestis que residem no sertão: Amanda e Monika. Depois de assistir ao filme, refletir sobre o tema.**

- **Debate teórico-político:**

A partir deste grupo, refletir sobre as práticas sexuais da juventude e as bandeiras políticas relacionadas a estas práticas.

Racha livre já!

As discussões sobre diversidade sexual nos levam a refletir diretamente sobre a ditadura da heteronormatividade sob a qual somos socializadas. Esta ditadura não nos oprime apenas quando rejeita o amor entre pessoas do mesmo sexo, ela nos oprime na forma como influencia a vivência da nossa sexualidade como um todo. Quando nos questionamos sobre o padrão imposto, acabamos por questionar nossas práticas e desejos mais íntimos. Ao fim, percebemos que o esforço de nos entendermos intimamente e conquistar a liberdade sexual que desejamos são processos mais complexos do que imaginamos a princípio.

É difícil desvincular nossos desejos sexuais do padrão em que fomos socializadas, por isso, quando refletimos sobre o tema, não é de se espantar que coloquemos em causa se as nossas vontades são realmente nossas ou nos foram impostas. Talvez esta seja uma reflexão sem fim, afinal, é impossível dissociar completamente nosso “eu-subjetivo” do nosso “eu-social”. A construção dos aspectos mais subjetivos das nossas identidades é fortemente influenciada por fatores que nos são externos. Deixando de lado a busca pela essência das nossas vontades, o importante é começarmos pelo questionamento de se estamos felizes ou não com as nossas práticas sexuais, se somos ou não realizadas sexualmente. O que nos dá prazer?

A sociedade tenta nos enquadrar em um padrão específico, mas na maior parte das vezes esses padrões não dão conta da complexidade das nossas identidades. Muitas vezes nós mesmas acabamos nos aprisionando dentro de um papel específico que criamos, copiamos ou absorvemos arbitrariamente, como se vestíssemos uma “roupa” – talvez camisa de força seja mais apropriado – da qual não

“Não tive pressão religiosa, mas sinto amarras da cultura”

•

“É difícil pensar sobre nós mesmas, o caldo cultural é grande”

•

“Fico me perguntando se minhas preferências são minhas mesmo ou é porque eu fui ensinada, mas a questão mesmo é se isso ainda cabe em mim. Me faz feliz?”

•

“Contos de fadas e filmes pornôis criam muitas expectativas tanto em meninos quanto em meninas”

•

“Não sei o que me satisfaz, tenho doze anos de vida sexual, mas só com duas pessoas”

•

“Eu me frustrro muito quando não rola orgasmo. Fico pensando se é comigo, se é a pessoa, se é a relação”

podéssemos nos livrar. O que os nossos depoimentos nos revelaram é que a nossa sexualidade pode ser muito mais fluida. Em diferentes momentos das nossas vidas podemos buscar saciar nossos desejos de formas distintas ou numa mesma fase estarmos abertas a múltiplas experiências com mulheres e homens, basta estarmos dispostas a experimentar e descobrir aquilo que pode nos dar prazer e aquilo que não gostamos.

O ato sexual em si, na realidade, é apenas um dos fatores dentro da forma como vivemos nossas identidades sexuais. Já havíamos conversado sobre a relação entre sexo e afeto no encontro em que discutimos corpo e sexualidade, no debate sobre diversidade sexual o afeto reapareceu como um fator chave para entendermos a forma como nos relacionamos com as pessoas e que tipo de expectativas construímos. A relação entre sexo e afeto é necessariamente reflexo de uma dependência emocional em relação à parceira ou ao parceiro? Na forma como fomos socializadas, vislumbrar um futuro a dois e tudo o que a isso está associado aparece como uma imposição forte da qual é difícil se livrar. Na contramão desta proposição, muitas das meninas que estavam na reunião colocaram que têm dificuldades em criar vínculos fortes de afeto com outras pessoas ou engrenar em relacionamentos sérios e não são infelizes por isso. Estas escolhas se contrapõe, por outro lado, às expectativas da família, dos amigos e as vezes até expectativas que nós mesmas internalizamos – a de que temos que ter uma relação estável.

A heteronormatividade se fundamenta na obrigatoriedade da reprodução. Ter um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo é visto como anormal porque é como se

“Descobri que viver minha sexualidade lésbica não era a única coisa que eu tinha pra fazer no mundo. O meu melhor amigo virou um grande parceiro sexual. Tinha muita cumplicidade e um dia aconteceu. Entrou também a namorada dele, virou uma amizade colorida. Rompi com aquela ideia de que o outro lado era pecado”

•

“Penso que eu posso buscar homens e mulheres, quebrar minha heterossexualidade, mas isso não quer dizer que vai ser bom”

•

“Na adolescência eu tinha desejo por meninos, tive um namoro curto. Depois tive atração por meninas... Na faculdade abri o leque”

•

“Quando não estou apaixonada, não estou bem, é uma energia que me impulsiona”

a criança fosse um fruto obrigatório de uma relação amorosa. Isso nos traz de volta ao tema do prazer pelo prazer. Embora consigamos enxergar algumas conquistas nesse debate, não podemos fechar os olhos para o crescimento assustador do fundamentalismo religioso e de como isso reforça o controle da sociedade sobre o corpo da mulher. A –condenação da homossexualidade passa pelo argumento lógico de que o sexo foi feito apenas para a reprodução. Embora o argumento nos pareça caduco, ele ainda tem forte apelo na sociedade.

A heteronormatividade compulsória é um aspecto fundamental do sistema patriarcal, nas nossas reflexões colocamos a dúvida: a heteronormatividade é parte do sistema patriarcal ou é o próprio sistema? De uma forma ou de outra, ela é um aspecto estrutural da sociedade em que vivemos e não nos impõe apenas a escolha de umx parceirx do sexo oposto, ela nos impõe um padrão de relacionamento apoiado em um binarismo que envolve uma série de problemas. Muitas vezes acabamos por reproduzir padrões heteronormativos em relações homossexuais, porque internalizamos este padrão. O feminismo busca romper com esse binarismo sob o qual fomos socializadas, porque ele sustenta a dualidade dominadx-dominadx, provedxr-receptxr que fundamenta nossa história de opressão.

O questionamento da heteronormatividade, por isso, passa pela forma como escolhemos construir nossas relações sexuais e amorosas e pela busca por horizontalidade. O tema da monogamia também reapareceu neste encontro e a busca por relações leves e abertas apareceu como um desejo desafiador, mas que pode nos levar a viver nossa sexualidade de forma mais tranquila. É sem-

“Eu sempre me apaixono, desde os três anos de idade, meu irmão diz que isso é carência”

•
“Carência... Você é carente daquilo que você não dá pra você mesma”

•
“Namorar é complicado, adoro coisas sem compromisso, um poliamor de forma bem natural”

•
“Estou namorando de novo, nenhum dos dois quer um compromisso, não existe um vínculo afetivo tão grande. Mas tem a pressão da família, expectativa”

•
“Me considero uma pessoa aberta, eu sempre senti atração por homens e por mulheres, mas sempre foi passageiro, sexo casual, e me sinto satisfeita. Já tive namoros, de no máximo oito meses, eu sempre fujo quando as coisas estão ficando sérias”

pre uma busca, isso não significa necessariamente que tenhamos que viver o poliamor, mas que o ideal de relacionamento aberto tem muito a nos dizer sobre as nossas formas de amar x outrx, porque nos coloca diante de questões como posse e dominação sobre x outrx. A fidelidade apareceu como uma questão de difícil resolução. Quando conversamos sobre os nossos desejos percebemos que é comum sentirmos atração por várias pessoas mesmo quando estamos em relacionamentos sérios. Como aliar isso às tentativas de construir um relacionamento a dois ou a duas? O que acontece é que muitas vezes relacionamentos monogâmicos também são cheios de dificuldades, mas como é a norma, consideramos que são dificuldades normais.

Como uma contraposição aos padrões hegemônicos, a lesbianidade é um posicionamento político. É um posicionamento político, em si, porque transgride a lógica vigente, e se torna um posicionamento político cotidianamente, a cada vez que desafiamos a norma ao nos assumirmos para a família e para amigxs, subvertendo as expectativas que nos são colocadas, e a cada vez que damos a cara a tapa para o julgamento da sociedade ao extrapolarmos os espaços e tempos demarcados para viver a nossa homossexualidade.

Embora tenha tido um entra e sai grande de meninas durante o encontro, o que dificultou a imersão alcançada nos outros dias, conseguimos falar abertamente sobre as nossas sexualidades. A conversa nos revelou um verdadeiro mosaico de histórias de vida e vivências sexuais, o que só reforça que não podemos nos enquadrar em caixinhas com identidades pré-determinadas.

“Tenho 26 anos, me casei com o primeiro cara, quando eu tinha 21, tive uma filha e aos vinte quatro me separei. Na minha igreja não rolavam essas conversas, hoje eu não consigo mais participar porque sou super discriminada”

•

“Já agora, nestes quatro anos de namoro, é sempre uma tentativa. O primeiro ano foi difícil, a gente ficou com outros, refletiu, criou regras, quebrou. Hoje a gente tá mais tranquila”

•

“Não é fácil dizer que é poliamor, tá difícil amar um, que dirá dois”

•

“Quando eu estou namorando eu sinto atração por outros, mas é difícil falar com x parceirx”

•
“Nunca fiquei com mulher. Na faculdade eu dava uns selinhos nas meninas, só pra tirar onda, mas nunca fiquei. Nunca senti atração, nunca me apaixonei. Não sei se um dia vai rolar. Meu irmão é gay e minha irmã é lésbica. Quando a gente

abriu o papo eu fiquei super mal. A gente é três partes de um triângulo, eu sou a parte heterossexual. Eles me questionam, falam que é recalque. Mas até chegar na faculdade eles estavam no armário e eu achava que eles eram hétero. Eu

passei uns seis meses no maior conflito, não entendia como é que eu não percebia, me senti enganada. Eu não sabia como conversar, media as palavras, depois fui me acostumando, hoje a gente conversa mais. Mas eu nunca pensei em ficar para experimentar”

•

Felicidade é ter direitos

A grande novidade do encontro foi que decidimos ir pra rua. Idealizamos pela primeira vez uma ação conjunta para o dia da Parada da Diversidade, manifestação política do movimento LGBT que acontece anualmente e em 2013 aconteceu em Recife no dia 15 de setembro. A parada de 2013 enfrentou uma série de dificuldades, a prefeitura diminuiu o apoio e tentou tirar o evento da avenida Boa Viagem, levando-a de volta ao centro da cidade. No dia da parada o céu estava aberto e a orla muito mais convidativa do que nos dias em que passamos por lá no estresse do trânsito que assola Boa Viagem. Me lembro de um depoimento bonito de Cami, quando estávamos lá. Não lembro quais foram as suas palavras exatas, mas era poesia, e ela dizia algo que ia um pouco nesse sentido: O sol saiu para a gente. A praia é de todxs, o céu é de todxs, hoje o sol saiu para nos mostrar isso. A parada não pode sair da avenida Boa Viagem. Vamos continuar ocupando este espaço porque não vamos nos esconder dessa parcela conservadora da sociedade recifense, queremos demonstrar o nosso amor em todos os espaços.

A ação foi construída coletivamente por vários grupos, inclusive que não estão

no FeminismoAgora!, e a declaramos uma ação lésbico feminista. A questão de gênero também perpassa esses espaços e a luta pela visibilidade das questões lésbicas dentro do movimento LGBT, que a princípio é um espaço de luta pela igualdade, também encontra dificuldades. Nosso tema foi “Felicidade é ter direitos” e a ideia era se inserir na parada com o viés da irreverência e do humor. A preparação para o dia da parada se dividiu em diferentes encontros dos grupos envolvidos. No dia 29 de agosto tivemos um cine-debate no Centro Cultural Feminista do SOS Corpo: Feminismo, Lésbianidade e Liberdade Sexual, com os filmes Loucas por Liberdade e Desejo proibido parte 1 “1961”. No dia 01 de setembro, no BebadoSamba, em Olinda, tivemos a prévia da Parada com o bloco carnavalesco Ou Vai Ou Racha. No dia 12 de setembro nos reunimos no SOS Corpo para confeccionar a faixa com o mote “Felicidade é ter direitos”, que foi pintada pelas meninas do Flores Crew, e algumas camisas de stencil do Ou Vai Ou Racha. No dia do evento nos concentramos às 10:00 no Parque Dona Lindu, local de concentração da parada. Antes do show de abertura, o Ou Vai Ou Racha desfilou pelo

parque e pela avenida com estandarte e orquestra, fizemos panfletagem e quando a parada saiu seguimos junto ao Trio da Cidadania, liderado pelo Instituto Papai.

O coletivo Labris resolveu não participar da ação por causa de algumas discordâncias da parceria com o movimento LGBT, ao qual elas tem um posicionamento crítico exatamente pela falta de espaço que é dado às pautas lésbicas. Como foi colocado em um e-mail coletivo que o Labris enviou a todas nós e a outros grupos que estavam na articulação, o grupo “preferiu continuar em concordância com os processos históricos e ideológicos do Movimento de Lésbicas de Pernambuco, uma vez que parte significativa das representantes do nosso grupo acompanhou de perto os processos que conduziram a ruptura do Movimento de

Lésbicas com o Fórum LGBT de PE. Principalmente por nos identificarmos como um grupo lésbico-feminista, entendemos que estabelecer relações de “parcerias” (diretas ou indiretas, formais ou não formais) com este Fórum, considerado historicamente pelo Movimento de Lésbica de PE, do qual fazemos parte, um espaço extremamente machista, que por muito tempo tentou invisibilizar nossas lutas específicas, bem como com instituições que integram este Fórum e que comungam com os seus valores e ideias, contradiz a história das nossas lutas e fere a nossa ideologia e a nossa ética”. Esta decisão não significou uma ruptura do grupo com o Feminismo-Agora!, apenas um posicionamento do Labris dentro deste debate e na organização desta ação.

Textos indicados para leitura

Comissão de organização:

Lesbianismo, de Jules Falquet, no Dicionário Crítico Feminista.

Leituras partilhadas nos e-mails:

Lésbicas: invisibilidades e violências – Ticiane Figueirêdo

(<http://blogueirasfeministas.com/2013/08/lesbicas-invisibilidades-e-violencias/>)

Encaminhamentos

- Articulação e tarefas para a ação na Parada da Diversidade

Fortalecendo as ações dos coletivos



Fazendo Milagres CineClub

Orgulho Lésbico é tema do Cineclub

Filme:

Desejo proibido (If these walls could talk 2, 2000, EUA, 1h36min, Jane Anderson, Martha Coolidge e Anne Heche)

Local:

Xinxim da Baiana – em frente à praça do Carmo (Olinda)

15 SET. FELICIDADE É TER DIREITOS

AÇÃO LÉSBICO
FEMINISTA
12ª PARADA DA
DIVERSIDADE
PERNAMBUCO

CONCENTRAÇÃO

10h  PARQUE DONA LINDU
PRÓXIMO À MESA DE SOM
PELO LADO DA AV. BOA VIAGEM

 COM A ORQUESTRA
DE FREVO DO BLOCO
OU VAI OU RACHA

 SAÍDA APÓS A CONCENTRAÇÃO SEGUIREMOS JUNTAS,
DURANTE A PARADA, COM O **TRIO DA CIDADANIA**

grupos articulados:

- Além do Arco-íris
- Coletivo Marcha das Vadias
- Coletivo Flores Crew
- Curumim
- Fórum de Mulheres de Pernambuco
- GEMA
- Instituto PAPAI
- Liga Brasileira de Lésbicas
- Levante Popular da Juventude
- Ou Vai Ou Racha
- SOS Corpo

EVENTS / FELICIDADE É TER DIREITOS



CINE DEBATE

>> 29 agosto
>> 18:30h

Centro Cultural Feminista do Sos Corpo
[Rua Real da Torre, nº 593, Madalena]

LESBIANIDADE, FEMINISMO E LIBERDADE SEXUAL

FILMES:

Loucas Por Liberdade
[Brasil, 2012]

Desejo Proibido
Parte 1, "1961"
[EUA, 2000]

No mês de agosto, as lutas pelo direito a viver livremente o desejo e o afeto entre mulheres ganham as ruas do país. Diversos grupos se encontram e mobilizam pela Visibilidade Lésbica. Há muito pelo que lutar. Vivemos um momento de ofensas conservadoras. O preconceito em diversos espaços silencia, reprime, amedronta e nega direitos, na família, nos locais de trabalho, nas ruas, nas instituições, no congresso nacional. Mas há lutas e conquistas. Direitos civis são reconhecidos. Lutam de várias partes da sociedade reagidas à "cura gay". Nesse contexto, somos desafios e refletir sobre os desafios da luta feminista em defesa do direito a viver livremente a sexualidade e a amor e para reinventar as formas de amar, livre e libertariamente.

Consideramos todas(as) a encontrarem-se no Centro Cultural Feminista do Sos Corpo, para um momento de livre pensar sobre estes desafios.

Para animar o debate da Roda de Conversa, convidamos:
Joyce Alves (Grupo Labrys), Synara Klyni (Liga Brasileira de Lésbicas-PE)
e Sílvia Dantas (Fórum de Mulheres de Pernambuco).

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Direitos Reprodutivos e Aborto

Programação do Encontro

Data: 05.10.2013
Local: SOS Corpo
Participantes: -

MANHÃ

- Dinâmica de integração
- Depoimentos e vivências em relação ao aborto
- Diálogo com todo o grupo

TARDE

- **Dinâmica: Debate na TV**

Dividir o grupo em dois. Representar um debate na TV onde um grupo defende a legalização do aborto e o outro é contra.

- **Debate teórico-político com base nos textos lidos**

Pela vida das mulheres: legalizar o aborto!

•
Tenho uma irmã mais velha que tem transtorno, é surda e muda. Um dia ela apareceu grávida. Eu achava que tinha sido estupro e que ela deveria abortar, mas todo mundo

em casa achou que ela tinha que levar a gestação adiante. Ela acabou tendo. Depois que o neném nasceu me chamaram pra ser a madrinha. Eu desenvolvi um amor tão grande por

ele que fiquei me sentindo culpada por muito tempo por ter desejado o aborto. Quando entrei no movimento feminista custei a me assumir feminista por causa disso. Depois foi que eu fui entender as coisas”

•

Ao partilhar as nossas vivências percebemos que todas nós ou já passamos ou conhecemos alguém que passou por uma situação de aborto. Nosso grupo é pequeno, mas não é por coincidência que conhecemos esta realidade, é um dado na vida da maior parte das mulheres e, diferente do que os mais conservadores querem nos fazer acreditar, não é um fenômeno recente consequente da desvirtualização moral da juventude. A gravidez indesejada acontece na época de nossas avós, de nossas mães, acontece hoje e o aborto é, sim, uma prática comum. Ao remontar as nossas próprias histórias, remontamos também a teia de solidariedade que existe entre mulheres. Em geral, quando vivenciamos estas e outras situações difíceis relacionadas ao universo feminino, não é ao parceiro a quem recorremos, é sempre a outras mulheres, seja a mãe ou uma amiga. Essa rede nos fortalece e é preciosa. É uma rede de resistência e proteção de umas com as outras.

As formas de solucionar a gravidez indesejada mudaram, novos métodos de aborto surgiram e a forma como

•
“Minha mãe tomou garrafadas”

•

as mulheres decidem lidar com a questão varia, principalmente a depender da sua classe social. Quando se tem dinheiro, o aborto pode ser uma questão de fácil resolução, segura e indolor. Isso não significa que estas mulheres não passem por nenhum tipo de sofrimento psicológico. A moral da sociedade em que vivemos pesa em todas nós, a criminalização machuca a todas. Retomamos mais uma vez o tema da culpabilização do prazer, que se torna uma bandeira comum, principalmente entre as correntes fundamentalistas religiosas, nos debates sobre o aborto. Quando a discussão não envereda pela culpabilização do prazer, normalmente esta ancorada responsabilização da mulher pela gravidez, através da justificativa de que hoje temos acesso à um leque de métodos contraceptivos, por isso só engravida quem quer. Desta forma, à mulher é dada a responsabilidade de evitar a gravidez, o que a torna culpada pelo aborto, na medida em que a condenação do aborto segue a lógica de que “se você errou, precisa arcar com as consequências, o feto não é culpado, a culpada é você!” Para as mulheres mais pobres o desgaste da situação é ainda maior, envolve dor física e risco de morte. É, por isso, uma questão de saúde pública a partir do momento em que se torna um direito à saúde das mulheres. Ao Estado cabe garantir esse direito. O Estado deve gerir para garantir direitos, não para nos privar deles.

As vezes parece que estamos vivendo um momento de retrocesso em relação aos nossos direitos e à nossa liberdade. Em 2013, uma série de acontecimentos nos fez questionar se não estamos regredindo nesta luta, o projeto de lei do Estatuto do Nascituro foi um dos pontos altos deste sentimento de retrocesso. O fato de uma ideia

•
“Aos vinte anos eu pensei que estava grávida. Eu tinha certeza que eu não podia ter um filho, só eu trabalhava na minha casa. Foi um medo danado, mas eu não tive dúvidas. Depois descobri que não estava grávida”

•
“Minha mãe pensou em me abortar, mas porque ela não queria ter mais um filho com o traste do meu pai. Depois ela decidiu ter, ela me escolheu”

como esta, que violenta o direito da mulher de forma inconcebível, legalizando o estupro, estar sendo discutida em uma instância pública é, em si, alarmante. O crescimento do fundamentalismo religioso assusta e é uma realidade que precisamos encarar e combater. O diálogo, entretanto, sempre se mostra difícil, os argumentos parecem não se tocar. Como estabelecer esse diálogo quando a verdade de outRx passa por princípios tão distintos das nossas? Como estabelecer esse diálogo se as forças políticas fundamentalistas se pautam mais em dogmas do que na preocupação com a coletividade, que é a nossa preocupação?

No encontro partilhamos vivências fortes e discutimos vários argumentos que fortalecem a luta pela legalização do aborto, mas pouco conversamos sobre direitos reprodutivos para além da questão do aborto e esse certamente é um tema que afeta nossas vidas direta e cotidianamente.

•
“Eu senti muita dor por mais de um dia. Eu disse pra minha mãe que ia estudar na casa de uma amiga. Eu não podia voltar pra casa e não podia ficar na casa dele porque a mãe dele também não podia saber. Eu fiquei na casa de uma amiga até me recuperar”

Textos indicados para leitura

Comissão de organização:

Folheto da Frente Nacional Contra a Criminalização das Mulheres e Pela Legalização do Aborto

Leituras partilhadas nos e-mails:

Pela vida das mulheres: legalizar o aborto! (Rosane Silva - Secretária Nacional da Mulher Trabalhadora da CUT)

Clandestinas: <http://www.apublica.org/2013/09/um-milhao-de-mulheres/>

Encaminhamentos

- Divulgação das inscrições para o mini-curso do SOS - Caleidoscópio: Os movimentos históricos e teóricos do feminismo, 11 e 12 de outubro.
- Divulgação da atividade do Wendo: oficina de auto defesa feminista, 19 a 20 de outubro.

Racismo

Data: 09.11.2013

Local: SOS Corpo

Participantes: -

Programação do Encontro

MANHÃ

- **Apresentação: dinâmica de integração**

1. Em dupla: quem é você? o que você faz? se você fosse um bicho, qual bicho seria?

- **Dinâmica da barca: separação dos grupos a partir de características:**

1. Faixa etária
2. Ter ou não um compromisso amoroso
3. Estar empregada ou não
4. Ser negra ou branca

Em círculo, convidar as participantes a fazer massagem na amiga ao lado, depois mudar a direção do círculo.

Roda:

- **Partilhando vivências: ouvir, compartilhar, entender o que vivemos em relação ao racismo**

- **Roda de elaboração: refletir sobre a realidade das mulheres a partir das nossas vivências de racismo.**

TARDE

- **Cochicho: dividir o grupo em três grupos, cada grupo fica responsável por refletir sobre um eixo a partir das questões “o que é”; “situação atual” e “divergência teórica/política” e produzir um cartaz sobre isso.**

1. Raça, Etnia, Cor e Racialização
2. Racismo e outras desigualdades
3. Resistências e lutas negras e anti-racistas

Apresentar as reflexões para o grupo

- **Debate teórico-político: A partir das reflexões iniciadas na atividade anterior, refletir sobre o tema e os desafios para o movimento feminista em relação ao tema.**

- **Convites e encaminhamentos**

O calo que me dói

Começamos a viver e refletir sobre o tema antes mesmo do dia encontro. Nossa lista de e-mails estava super movimentada e muitas de nós estávamos envolvidas em atividades que traziam o tema para a discussão. A Marcha das Vadias preparava uma mesa de discussão sobre os impasses e desafios da Marcha com o Feminismo Negro; o Flores Crew preparava o encontro/acampamento Flore-Sendo Ideias, que tem como umas das discussões centrais racismo e cultura negra; O Cine-Vila e o Cine Fazendo Milagres preparavam sessões que também traziam o tema. Era novembro, mês da consciência negra, a força com a qual vivenciamos o tema nos revela a importância das nossas discussões no grupo estarem articuladas com as pautas “lá fora”, como forma de fortalecer mutuamente os encontros e as nossas ações. Não tivemos comissão organizadora para esse encontro, mas foi o tema que mobilizou os maiores esforços na nossa lista de e-mails, partilhamos textos, vídeos e eventos.

O debate sobre racismo é central para entendermos a nossa sociedade. É um tema forte que, ao mesmo tempo em que esclarece as coisas sobre o mundo a nossa volta, remexe nossas memórias, revira nossas entranhas e desperta um monte de sentimentos. Por isso, é considerado um tema delicado pela maioria das pessoas, que se esquivam de cutucar a ferida. Quando nos debruçamos sobre ele, a experiência é sempre intensa.

No debate, definimos raça como uma categoria de origens biológicas que se justificou pelas diferenças fenotípicas, e foi criada para diferenciar e hierarquizar. Uma vez comprovado que não existem diferenças biológicas entre os seres humanos, seu uso foi revisto em alguns espaços. So-

•
“O cabelo! Meu presente de aniversário foi não alisar o cabelo. Alisei até o início do ano. Não tinha coragem de não alisar, achava prático. A transição foi difícil, foram 14 anos alisando o cabelo”

•
“Decisão da cor da roupa: eu tinha como referência as cores que combinavam ou não com negrx. Meu cabelo era grosso e tinha que alisar pra ficar bom. Cheguei em Serviço Social e descobri que tudo estava errado”

•
“Sou preta e sou a mais branca lá de casa. Tinha muita tontura sempre que estava de cabelo preso, o olho estica, a cabeça dói”

ciologicamente, entretanto, continua sendo uma categoria de análise importante porque embora, comprovadamente, não existam diferenças biológicas entre os seres humanos, nosso fenótipo é usado para justificar boa parte das nossas relações sociais, interferindo na forma como as pessoas nos tratam e nas oportunidades que nos são abertas, e isso reflete diretamente na construção das nossas identidades.

Foi interessante perceber como conseguimos situar um momento ou uma fase das nossas vidas em que alertamos para o problema do racismo e essa descoberta desencadeou uma transformação na forma como nos entendemos no mundo, seja o caso de percebermos os privilégios que temos na vida por sermos brancas ou as situações de racismo que vivemos por sermos negras e costumamos a entendê-las como racismo. Esse momento de descoberta revela muito sobre a forma como fomos socializadas. A sociedade brasileira é a sociedade do mito da democracia racial, a nossa cordialidade é um importante aspecto da formação da nossa identidade. Unificador, o discurso nacional afirma que o povo brasileiro é resultado da mistura de três raças: indígena, negra e europeia. Este mito da criação do Brasil deu origem à ideia de uma identidade miscigenada, onde todxs nós seríamos um pouco negrxs, um pouco índixs e um pouco europeus e, por isso, todxs iguais. Foi dessa forma que o país seguiu a via de uma filosofia anti-racista, difundindo o ideal de uma nação onde as diferenças raciais teriam se diluído e dado origem a uma sociedade igualitária.

A consequência desse discurso ideológico é uma população em grande medida alheia às questões raciais e suas consequências, onde impera um racismo polido e

“Aos 18 anos comecei o ritual do cabelo alisado, toda sexta-feira. Meu irmão virou Rastafari (como religião), virou vegano e começou a cultivar os dreads. Fui num culto e só eu tinha cabelo alisado. Caiu a ficha, comecei a refletir sobre a minha identidade”

•

“Até entrar na faculdade nunca tinha refletido sobre a temática racial. Eu era contra as cotas e virei a favor. Me vi sendo transformada, mudei minha opinião. Comecei a entender porque tenho privilégios por ser branca”

•

“Numa oficina, trabalhando racismo, as mulheres me disseram: é fácil pra você, que é branca e tem o cabelo bom, dizer isso de se assumir”

estrategicamente discreto que paira nas entrelinhas do racismo escancarado e violento também presente na nossa sociedade. Essa aparente cordialidade disfarça o preconceito, tornando-se um dos maiores empecilhos para a intensificação do debate racial no país, uma vez que, quando se entende que não há racismo, não é preciso discutir racismo.

Na maior parte dos relatos que ouvimos umas das outras, a universidade aparece como um espaço em que descobrimos a existência do problema ou passamos a entender o problema de outra forma. Isso acontece porque muitas de nós somos da área das humanas e o tema se torna central para compreensão da nossa sociedade. Outras disseram ter atentado para a questão na aproximação com grupos religiosos, culturais e/ou políticos que tinham como foco a cultura negra. É assustador que o racismo, tão presente no nosso dia a dia, seja discutido apenas em espaços restritos a refletir sobre ele.

O nosso processo de empoderamento passa, primeiro, pelo reconhecimento de que o racismo existe. Isso ficou evidente nos nossos depoimentos. É preciso entender o problema para começar a superar as consequências que esse problema traz à nossa autoestima e à forma como nos colocamos na vida, encarando de frente toda a violência simbólica, e não apenas simbólica, que vivenciamos cotidianamente. Assumir a identidade negra é um exercício de reaver para si o valor humano que lhe foi negado, a beleza que lhe foi negada e a história que lhe foi negada. Esse resgate passa pela busca e valorização de uma ancestralidade africana e pelo reconhecimento da história dos nossos antepassados, porque a história dos negros brasileiros é uma

“A ação do estado racista não é sutil. Para negro, pobre e favelado nada é sutil”

•

“Me considero negra porque minha família é negra. Por causa dos meus cabelos lisos meus primos pretos eram vistos como pobres e eu não... mas eu sou pobre. Hoje a polícia desconfia de todo mundo quando a gente sai junto, menos de mim”

•

“No trabalho na TV fui fazer externa porque a outra repórter que era negra estava com o cabelo desarrumado”

•

“Meu irmão de 16 anos está usando maconha. Ele está no risco. A gente tem medo, porque ele é preto, numa batida policial ele é que é o alvo.”

história partida. Nos questionamos no encontro se seria possível afirmar a identidade negra sem passar pela afirmação de uma ancestralidade africana. Concluimos que são coisas inseparáveis, porque entender o nosso lugar na sociedade passa pela compreensão e consciência dos processos históricos vividos, de negação e resistência, e isso se desdobra na religação afetiva e política com as matrizes africanas. Não é retorno, é construir para frente a partir de velhos e novos referenciais.

•
***“Me fortaleci no espaço
coletivo para dizer que sou
negra, mulher, feminista”***

Textos indicados para leitura

Leituras partilhadas nos e-mails:

Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero – Sueli Carneiro

Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais - Danièle Kergoat

Mulheres Negras: um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil - Ju-
rema Werneck (org.)

Considerações sobre elogios racistas - Charô Nunes

(<http://blogueirasnegras.org/2013/05/29/elogio-racista/>)

Porque um feminismo negro - Mara Gomes ([http://blogueirasnegras.org/2013/06/13/feminis-
mo-negro/](http://blogueirasnegras.org/2013/06/13/feminis-
mo-negro/))

Racismo nos espaços feministas brancos - Iara Paiva ([http://blogueirasnegras.org/2013/08/13/
racismo-nos-espacos-feministas-brancos/](http://blogueirasnegras.org/2013/08/13/
racismo-nos-espacos-feministas-brancos/))

Discutir branquitude: o calo que me dói (Larissa Santiago) ([http://blogueirasnegras.
org/2013/08/08/discutir-branquitude-o-calo-que-me-doi/](http://blogueirasnegras.
org/2013/08/08/discutir-branquitude-o-calo-que-me-doi/))

Mulata Exportação (Elisa Lucinda)

A construção da identidade da mulher negra na poesia de Elisa Lucinda (Douglas Rodri-
gues de Sousa)

Vídeos partilhados nos e-mails:

“Me Griitaron Negra” (<http://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0>)

Ain't Got No...I've Got Life - Nina Simone (<http://www.youtube.com/watch?v=GUCxI2BIUOQ>)

Elisa Lucinda declamando Mulata Exporação

(<http://www.youtube.com/watch?v=GD4PoGwg5Ew>)

Fortalecendo as ações dos coletivos



FloreSendo Ideias

Encontro de Hip-hop

Roda de diálogo, multirão de grafitti, feira de vendas e trocas, intervalos poéticos, shows, break.

FLORESENDO

IDEIAS

15 a 17
NOVEMBRO
2013
Moreno Pe

Bandas convidadas:

SEXTA 19hs

Soulssegado Polho
Firmamento Dub
Acesso Final
Benje

SABADO 19hs

Clécio Rimas
Miados CP
MaraSoul - CoLombia
Xexêu de Bananeira

**RODA DE
DIALOGO**

MUTIRÃO DE

GRAFFITI

FEIRA

vendas e trocas

Intervalos Poéticos

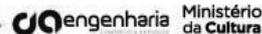
INFORMAÇÕES:

florescrewrecife.blogspot.com
facebook.com/feminimosehiphop
festivalfloresendoideias@gmail.com

(81) 8565-3265

(81) 8670-1723

(81) 9808-4528



Secretaria da Mulher

Local: Praça da Bandeira - Av.: Sofrônio Portela, s/n centro - Moreno

19h no Campo
do Bueirão



Mostra de Clipes



20 de Novembro



Ilê Aiyê/Angola

Direção: Orlando Senna
Duração: 16'

SINOPSE:

O Carnaval do grupo Ilê Aiyê, organização do bairro Curuzu, Salvador (BA). A música, a religião, a política e a influência desta comunidade negra, 120 anos depois do fim do tráfico de escravos

Cambinda Estrela Maracatu de Festa e Luta

Direção: Adriano Lima
Duração: 16'

SINOPSE:

A festa é quem dá sentido a luta. O brilho, a força e a arte são elementos que reforçam todo um anseio por dias melhores, por uma sociedade justa, e acreditando na educação para alcançar e transformar a realidade da Comunidade de Chão de Estrelas, o Maracatu Cambinda Estrela tenta e faz a todo custo essa transformar "ão" -cal e de pessoas que são de festa e de luta!



Quilombo Rio dos Macacos

Direção: Produção Anônima
Duração: 10'

SINOPSE:

Canudos é aqui, entre Salvador e Simões Filho, na Baía de Anatu. Este filme mostra que a Marinha do Brasil deflagrou nesta região guerra a um grupo de famílias negras descendentes de escravos que vivem ali antes da chegada da marinha. Hoje constituem mais de 50 famílias reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo. O filme denuncia flagrantes desrespeitos aos direitos humanos fundamentais..



ONDE? Rua Zilda S. de Santana
Em frente ao Campo do Bueirão

ACESSE NOSSO BLOG:
<http://cinevila.wordpress.com/>



NOVEMBRO NEGRO



A Marcha das Vadias e sua interlocução
com o Feminismo Negro:
Impasses e desafios

23 de novembro | 14 horas | Centro de Cultura Luiz Freire
Olinda - PE - Brasil

Realização:



COLETIVO MARCHA DAS VADIAS
RECIFE

Apoio:



Centro de Cultura
Luiz Freire



18h

Grupo São Bento Pequeno de Capoeira Angola

19h

Sessão com o curta-metragem
"Toque à Iemanjá"
(Tv Bultrins, 6 min, Olinda, 2011)

21h30

Performance de dança africana
"Grito Negro",
com Manuel Castomo
(Moçambique/Brasil, 20 min)

22 de novembro

em frente à Igreja do Monte, Olinda

+ exibição do longa-metragem

RAÇA

(de Joel Zito Araújo e Megan Mylan, 104 minutos, 2012, BRA/USA)

Convidados

Aguinaldo Júnior
(Ilê Axé Oxalá Talabí)

+ Lêu Simões e Paz Brandão
(ativistas negras)

Realização



Parcerias



Incentivo

FUNCULTURA



Secretaria de Cultura



Para onde vamos?

Data: 12.02.20114

Local: SOS Corpo

Participantes: 10

2013 foi um ano intenso e as nossas reuniões, umas com mais e outras com menos participantes, mobilizaram muita energia. No final do ano, porém, a articulação desandou um pouco. Para o mês de dezembro, decidimos organizar um encontro com duração de dois dias, que se realizaria em Serrambi. Neste encontro discutiríamos Trabalho, último tema do ano, e faríamos uma avaliação do ano que se encerrava. À medida que a comissão responsável pela organização planejava o fim de semana, mais e mais companheiras desistiram de participar por uma variedade de motivos. Ao fim, decidimos cancelar o encontro, já que o número de mulheres confirmadas era muito pequeno. No início de janeiro retomamos a troca de e-mails e tentamos marcar uma data para retomar as atividades. Novas meninas se mostraram interessadas em participar, mas decidimos que faríamos primeiro uma reunião de avaliação apenas com as que já integravam o grupo para refletirmos sobre o que tínhamos vivido e pensarmos estrategicamente em como levar aquele processo adiante. Como bem se sabe, janeiro é um mês difícil de se retomar atividades e

tivemos alguma dificuldade em encontrar uma data em que todas estivessem disponíveis. Marcamos um encontro para o dia 12 de fevereiro, no SOS Corpo.

Começamos esse processo devagarzinho, nos conhecendo e nos entendendo aos poucos, sem saber direito para onde tudo isso nos levaria, mas nutrindo um carinho muito grande pelo que estávamos vivendo. Com certeza construímos muito mais para dentro do grupo e de nós mesmas do que para fora, isto é, na rua. A princípio isso poderia ser visto como uma falha naquilo que almejávamos, mas refletindo com cautela sobre tudo que vivemos, percebemos que não poderia ser diferente. Não poderíamos ter articulado ações públicas mais do que articulamos porque ainda estávamos nos articulando entre nós mesmas. Esse processo foi muito importante e construiu uma solidez que talvez não tivéssemos alcançado se tivéssemos nos lançado às ruas com mais veemência. A menos que quiséssemos ser apenas uma articulação de coletivos com propósitos práticos. Essa nunca foi a proposta, nossa proposta é uma comunhão diferente. Ao fim de um ano de encontros e desencontros, podemos dizer que

conseguimos construir essa comunhão e que a partir dela e do nosso fortalecimento enquanto mulheres nossos coletivos também se fortaleceram. Com isto em mãos, o que queremos para 2014? Em que falhamos e onde queremos avançar?

No encontro do dia 12 de fevereiro de 2014 fizemos uma reflexão muito boa, em parte revisitando 2013 e em parte pensando o futuro. Trouxemos de 2013 e decidimos que seguirá conosco o desejo de ter como foco o fortalecimento de cada uma, com a metodologia de autorreflexão, e o fortalecimento dos grupos, a partir dos debates teórico-políticos e da presença organizada nas ações puxadas por cada um dos grupos participantes. Reforçamos que não é necessário pertencer a grupo algum para participar do processo. Temos a adesão de várias mulheres que não estão em grupos e seu grupo de pertencimento no feminismo é o FeminismoAgora!. O desafio é o de continuar um espaço acolhedor e espontâneo, onde possamos agregar, cada vez mais, mulheres que já estejam articuladas politicamente e, ao mesmo tempo, mulheres que não tenham um passado de articulação feminista mas que se interessam pelo debate, de forma que todas se sintam confortáveis neste espaço e construtoras do processo. Ou seja, queremos que este

continue um espaço para todas as mulheres, queremos que ele cresça e se fortaleça enquanto articulação política, queremos ir para a rua e construir mais ações conjuntas com os diversos coletivos, mas não queremos perder o ambiente de intimidade e espontaneidade que se criou, tampouco queremos que ele deixe de ser um espaço de autorreflexão.

Em 2013 não conseguimos manter uma estabilidade no grupo, muita gente flertou com a proposta, mas poucas realmente encararam o processo de forma assídua. Discutimos também a necessidade de estudarmos teorias feministas. Embora os encontros tenham sido sempre muito ricos, o nível de compromisso com as leituras não foi alto, o que, de alguma forma, impede o aprofundamento teórico nos debates da tarde. De que forma podemos melhorar nestes aspectos? Com todas nós assumindo coletivamente a condução deste processo, qual é o nível de compromisso e envolvimento que o próximo passo nos pede?

Nos primeiros encontros falávamos com determinação, em consenso com o SOS, que o intuito daquele espaço não era que nos tornássemos uma juventude feminista do SOS Corpo... em que medida existimos enquanto articulação para além do projeto Cirandas? Pra todas nós está clara

a necessidade de fazer com que este continue sendo um espaço de formação e de articulação. Mas como isso se concretiza? Para algumas é preciso investir em um processo de autonomização, ou seja, não se apoiar tanto no SOS para que as coisas se realizem, mantendo uma parceria a partir de coisas em comum. Isto é, participar do movimento feminista de forma autônoma. Para outras seria o caso de manter este espaço como espaço de formação, onde cada uma se fortalece e fortalece seus próprios grupos e isso gera sinergia para fortalecer as atividades de cada grupo. Há quem diga também que estes dois caminhos podem seguir juntos.

Sáímos da reunião com muitas ideias na cabeça e poucos certezas. Nos reunimos outras vezes para discutir novamente algumas destas questões antes de convidarmos novas mulheres para integrar o processo. Em meio a tantas discussões, ficou o sentimento de que estes rumos continuam incertos e estas decisões continuarão sendo tomadas a medida que nos deparamos com elas, em um movimento orgânico que ainda não sabe exatamente onde quer chegar, mas que tem total clareza de onde não quer chegar. Estes rumos também dependem fundamentalmente das novas companheiras que integrarão o gru-

po e da forma como elas entendem todos os questionamentos que vêm nos acompanhando. A falta de certezas as vezes pode ser e é angustiante, porque ela faz com que nos questionemos se estamos realmente caminhando. O fato, porém, é que a medida que caminhamos juntas, novas questões vão surgindo e trazendo com elas debates que nos ajudam a nos entender enquanto mulheres e enquanto coletivo. Neste sentido, estas questões nos ajudam a nos entender individualmente; a entender o que, individualmente, queremos construir coletivamente; a entender a forma como este coletivo concebe a construção coletiva; e a forma como esta construção coletiva se concretiza na prática. É exatamente a partir destes questionamentos que caminhamos. Eles nos levam a rever continuamente questões que considerávamos bem resolvidas e, nessas descobertas, as vezes voltamos um passo atrás para, depois, optar pelo mesmo caminho de antes ou optar por rumos completamente novos. Assim, vamos construindo alguns desenhos, uns mais concretos, outros completamente abstratos, nenhum linear e todos indissociáveis da forma como nos entendemos mulheres e do desejo de transformar a realidade de opressão que enxergamos em nós e à nossa volta.

Fortalecendo as ações dos coletivos



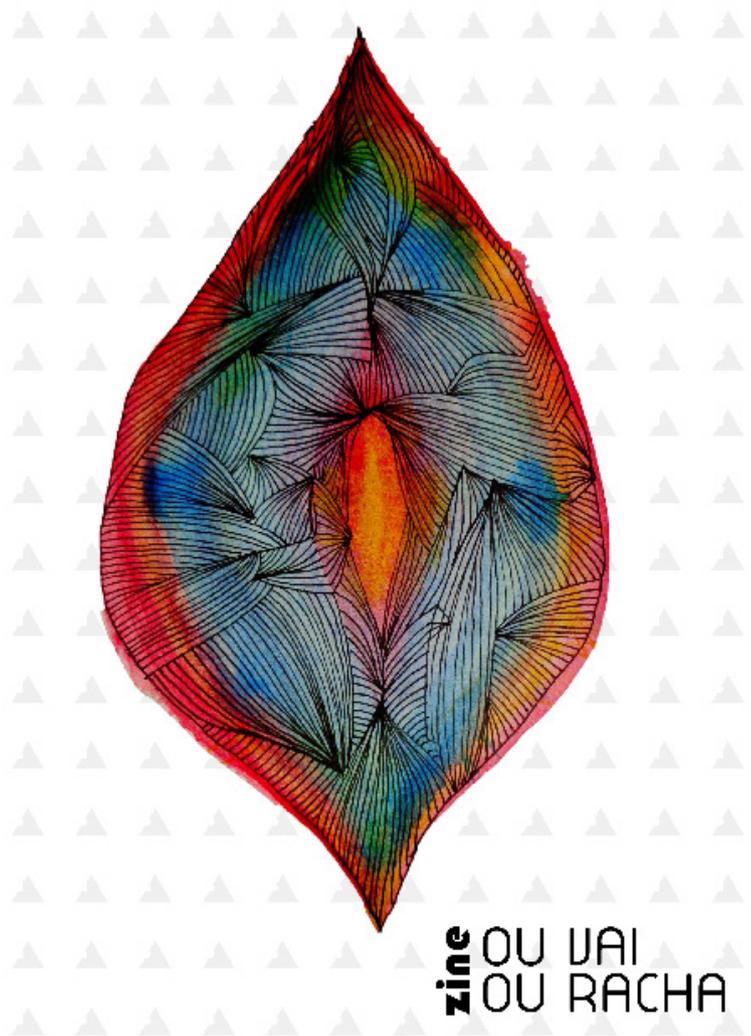
Ou Vai ou Racha

Lançamento do Zine

Venda de camisas

Campanha de arrecadação
de calcinhas para o varal

Saída do bloco na terça-
feira de carnaval



zine OU UAI
OU RACHA







SOS CORPO

Instituto Feminista para a Democracia